

**A EDUCAÇÃO CONTRA A DESORDEM:
CULTURA HISTÓRICA NO PARÁ REPUBLICANO.**

Felipe Tavares de Moraes
(Universidade de São Paulo – USP)
felipetavaresmoraes@gmail.com

Rafaela Paiva Costa
(Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG)
rafaelapaivacosta@yahoo.com.br

EJE Nº 2: Historia Intelectual y trayectoria de educadores. Dialogos, conflictos y luchas por la educación publica

RESUMO:

A produção do conhecimento histórico no mundo ocidental constituiu-se em função do Estado-Nação. Suas populações habitavam um território, pagavam impostos e obedeciam a leis cuja cultura transformava a natureza e edificava uma civilização. O povo necessitava conhecer a história da civilização, corporificada na “nação”. O sentimento nacional pautava-se pelo compromisso moral com a pátria, o regime político e as autoridades públicas. A unidade nacional pressupunha uma noção organizada de passado, amparada em uma cronologia política disposta em eventos e personagens de destaque e valor pedagógico, modelos de cidadania almejada. Essa estrutura esboçava não apenas as grandezas de sua formação política, econômica, populacional e geográfica, mas também cumpria o papel de projetar no futuro a garantia do sucesso de sua incorporação no conjunto das grandes nações, referência internacional. Destaca-se, nesse sentido, o ensino da história pátria na formação deste sentimento nacional. E esta formação se deu dentro e fora dos limites das instituições escolares, na pulverização de *narrativas históricas* em jornais, revistas científicas, manuais escolares, entre outros. No entanto, conforme José Veríssimo, este sentimento no Brasil “brilha pela ausência”. Na transição do Império para a República, e principalmente, no conturbado florescer do novo regime, urgia uma concepção de história cuja linearidade e o sentido evolutivo se encaminhasse pela narrativa da ordem, estabilidade e unidade nacional, ainda que a todo momento essas construções discursivas fossem permeadas por uma perspectiva regional de compreensão de nação, povo, pátria e civilização. Realiza-se, neste trabalho, uma reflexão sobre a concepção de história e os seus usos pedagógicos nas primeiras décadas da República no estado do Pará, a partir da análise documental de alguns escritos do *intelectual* Veríssimo em paralelo com jornais, livros escolares e revistas científicas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e Paraense (IHGB). O cidadão republicano em formação precisava conhecer as grandezas e glórias da História do Brasil que prepararam o surgimento da República, ápice do desenvolvimento dentro daquela cronologia, no

constante diálogo e trânsito daqueles homens de ciência, autores de materiais didáticos, editores de periódicos, etc. Em suas influências e divergências, essas narrativas compunham uma *cultura histórica* que informava e formava a população, com sentidos pedagógicos e políticos específicos. No presente e no passado, a “desordem” e “anarquia” eram disciplinados pela pena e a baioneta da “ordem e progresso” republicano. O presente é o referencial para essas construções sobre o passado, uma vez que, de um modo geral, as narrativas partiram de uma concepção histórica linear e evolutiva que legitimava o regime republicano recém-proclamado como o estágio mais avançado de desenvolvimento político. Para isso, há um dado abrandamento e homogeneização dos eventos históricos selecionados e dispostos nesta cronologia, no sentido de confirmar um determinado devir para a nação. E nesta organização da história pátria e da educação nacional, parte-se da experiência local, uma experiência amazônica para pensar a identidade nacional.